

HERDEIRO dos candangos

Wenderson Araújo/Especial para o CB

ONDE NASCEU

Hospital Regional da Asa Norte (Hran)

ORIGEM FAMILIAR

Pai e mãe baianos

LEMBRANÇA

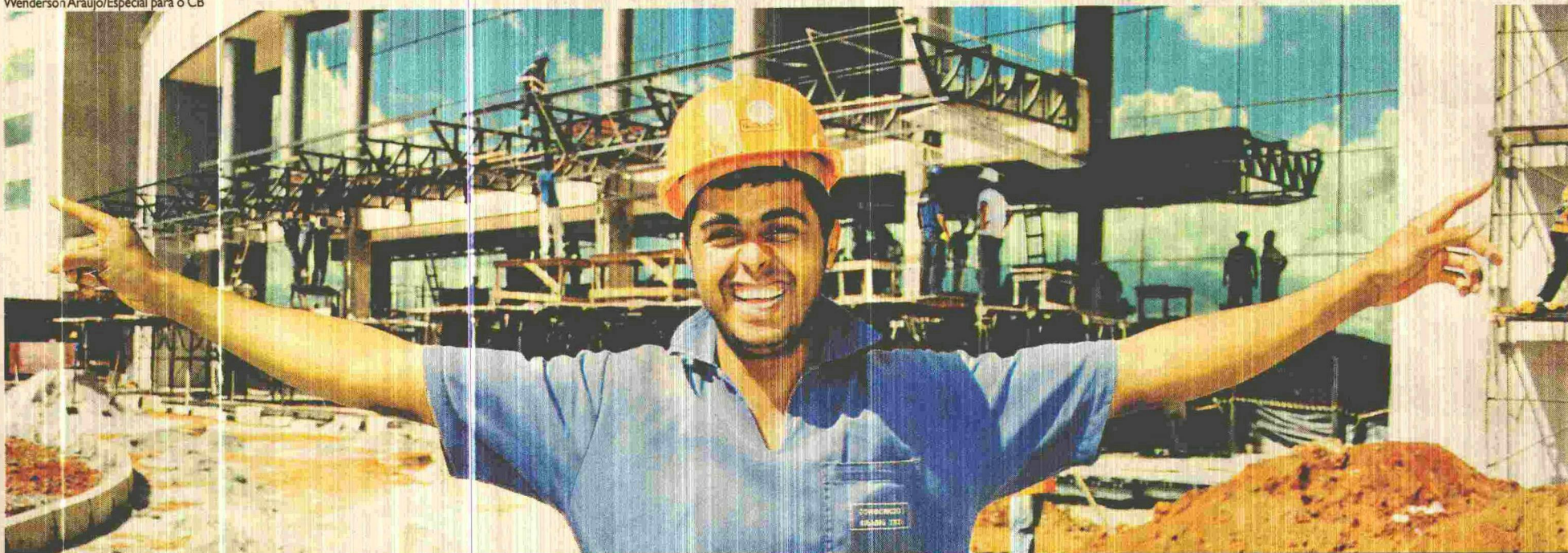
DE INFÂNCIA:

"Quando criança, brincava no Parque da Cidade. A gente corria e se escondia entre os pinheiros"

O QUE GOSTA

EM BRASÍLIA:

Da Esplanada. "Tenho a sensação de liberdade quando passo por lá".



WENDERSON CARDOSO, OPERADOR DE BETONEIRA NASCIDO NA ASA NORTE E MORADOR DE PLANALTINA: SALÁRIO DE R\$ 600 PARA LEVANTAR SONHOS, INCLUINDO O DE DAR ESTUDO PARA A FILHA

Assim como os trabalhadores que ergueram a capital há 47 anos, o operário da construção civil Wenderson Cardoso se orgulha dos prédios que ajudou a erguer

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Hoje, dia 21, aniversário de Brasília, ele vai levar a filha de um ano e sete meses para ver a grande obra que ajudou a construir: o Complexo Brasil 21, ao lado do Parque da Cidade. Dirá à única filha que ele esteve ali, viu o conjunto de prédios gigantes ser erguido. No dia da inauguração, claro, não podia faltar. Não estará no meio das autoridades engravatadas. Não sairá na foto de gente importante. De algum lugar, estará ele, sem o uniforme de operário, sem capacete, segurando a filha nos braços.

Wenderson Souza Cardoso nasceu no Hospital Regional da Asa Norte (Hran) há 23 anos. Os pais, baianos, tempos depois voltaram para a Bahia. O menino, para estudar, ficou na casa de uma tia, no Cruzeiro Novo. Levou a sério a pro-

messa de não deixar a escola. Os pais, mesmo longe, torciam para que esse pudesse ser "alguém na vida". Terminou o ensino fundamental. E arrumou emprego na construção civil. Há cinco anos, virou operário. Mais: especializou-se em operador de betoneira.

Empregado, casado e com salário de R\$ 600 mensais, era hora de procurar rumo à própria vida. Com dificuldade, alugou uma casa em Planaltina-DF. Fez dali o seu palácio. Sentiu que o destino estava em suas mãos. E não mede esforços para dar o conforto necessário à família. Acorda antes das 6h. Às 7h tem que estar na obra. Trabalha até as 17h. E volta para casa louco para ver a filha e a mulher.

Conta-lhes as novidades do dia. Diz que o prédio está cada vez mais bonito. E que um dia, de preferência num domingo, levará as duas para passear. É bom porque, depois de ver o prédio que ajuda a erguer, pode levá-las para um passeio pelo Parque da Cidade, que vê todos os dias mas nunca pode ir. E, quando a sede estiver a toda, um bom caldo-de-cana na Torre de Televisão é a pedida. Da Torre, avistarão a Esplanada. E, no fim da tarde, voltarão, de ônibus, a Planaltina com a sensação de terem feito o maior passeio de suas vidas.

O operário que nasceu em Brasília adora passear pela Esplanada. Admira os prédios, os palácios e se pergunta

como, há 47 anos, tanta coisa foi feita graças ao esforço dos 30 mil candangos que trabalharam no canteiro da nova capital. Lembra dos trabalhadores que dedicaram a vida para construir uma nova capital, um novo rumo para o futuro do país.

E ama, ama de paixão, a Praça do Relógio, em Taguatinga. "Lá a gente vê as pessoas, tem gente sempre. É como uma cidade do interior, onde o povo se cumprimenta", compara. Um sonho? "Nunca deixar faltar nada para minha família. Dar estudo pra minha filha". E um desejo pessoal? "Gosto de trabalhar na construção civil, mas queria mesmo, um dia, ser advogado, virar um funcionário público. Trabalhar num prédio bonito."

Depois de terminado o prédio que ajudou a construir, no coração de Brasília, Wenderson partirá para mais uma empreitada. Uma nova obra, em algum lugar, será erguida. E lá estará ele, juntando sonhos e acreditando que dias melhores sempre virão. À noite, exausto, quando voltar para casa, contará as novidades para a família. E assim tocará a obra da própria vida, talvez sua melhor construção. "Morei um tempo na Bahia, mas acabei voltando pra cá. Gosto de Brasília, aqui as condições de trabalho são melhores. Dá para planejar o futuro", admite o brasiliense que hoje ajuda a aumentar a cidade onde nasceu.